

UM ESTUDO SOBRE A UNIÃO ENTRE JESUS E A IGREJA A PARTIR DA FIGURA DE UM CASAMENTO DESCRITO EM APOCALIPSE 19.1-10

Wenderson da Costa Borghi¹

Ulicélio Valente de Oliveira²

Resumo: A Bíblia apresenta diversas passagens no AT em que o povo de Israel é chamado de esposa de Javé, ou Javé de marido de Israel (Is 54.5-6; Jr 31.32; Ez 16.8). Jesus usou a figura do casamento para representar seu relacionamento com seus discípulos, no aspecto presente e futuro. Ele afirmou que era o noivo que veio para o seu povo. No entanto, é apenas em apocalipse 19 que um casamento entre o Cordeiro de Deus e a igreja (Israel de Deus) é relatado na Bíblia. Um texto de grande valor escatológico, onde seu melhor entendimento perpassa por questões como: a compreensão dos elementos presentes nos casamentos orientais e seus costumes; a abrangência da noiva quanto a nova e a antiga aliança; a posição deste evento na *parousia* revelada nos textos apocalípticos; dentre outras.

Abstract: The bible presents several passages in the OT in which the people of Israel are called the wife of Yahweh, or Yahweh the husband of Israel (Is 54.5-6; Jer 31.32; Eze 16.8). Jesus used the image of marriage to represent his relationship with his disciples, both present and future. He claimed that he was the bridegroom who came to his people. However, it is only in Revelation 19 that a marriage between the Lamb of God and the church (Israel of God) is reported in the Bible. A text of great eschatological value, where its best understanding permeates issues such as: understanding the elements present in oriental weddings and their customs; the bride's scope of the new and old covenants; the position of this event in the *parousia* revealed in the apocalyptic texts; among others.

Introdução

A figura de um casamento é por vezes encontrada na Bíblia para representar a união entre Deus e o seu povo e/ou Jesus e a Igreja. No AT a infidelidade de Israel também é retratada através de um casamento, sendo o povo uma mulher infiel, como podemos verificar no livro do profeta Oséias no relato de uma mulher adúltera, e em Is 54.1-8, 64.4-5, Jr 31.31-32 e Ez 16. Nesses casos Deus recebe Israel de braços abertos com misericórdia e perdão.

O mesmo simbolismo aparece nos Evangelhos, percorrendo-os em sua totalidade. Lemos neles a respeito da festa de bodas (Mt 22.2); da câmara nupcial e das vestimentas especiais de bodas (Mt 22.10-11); dos filhos da câmara nupcial (Mc 2.19); do noivo (Mc 2.19, Mt 25.1); dos amigos do noivo (Jo 3.29)³. No Evangelho de Mateus 25 é narrada a parábola das dez virgens, que dá prosseguimento a narrativa escatológica iniciada no capítulo anterior.

¹ Licenciado em Física pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduando em Ciências Econômicas pela UNIP e Pós-graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE).

² Graduado e Especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Licenciado em História pela Universidade Santo Amado (UNISA). Pós-graduando em Docência do Ensino Superior e Básico pelo Instituto Nacional de Educação e Extensão (INEX) e Pós-graduando em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Estratégica. Atualmente é bolsista da Convenção Batista do Pará (COBAPA) no curso de Doutorado Internacional em Teologia pela IVY Enber Christian University. Coordenado do curso de Bacharelado em Teologia da FATEBE e Docente Acadêmico no Centro Missiológico Equatorial (CEME) e na Faculdade Teológica Batista Equatorial.

³ BARCLAY, W., **O Novo Testamento Comentado**. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1983, p. 409.

Nas cartas de Paulo também encontramos este simbolismo, por exemplo, em Efésios 5.21-33 ensina como deveria ser o comportamento entre os cônjuges. Aos maridos caberia amar suas mulheres assim como Cristo amou a igreja e se entregou por ela, enquanto às mulheres a submissão a esse amor de tal forma como a igreja é a Cristo.

Destarte, o apóstolo João recebe sua revelação composta por elementos históricos, à medida que utiliza simbolismo atribuído a Roma, que naquele contexto perseguia a igreja, além de promover o culto ao imperador; e por elementos proféticos caracterizando uma literatura apocalíptica que lança luz sobre eventos preditos pelos profetas, por Jesus e outros apóstolos. E dentro deste contexto que o texto de Apocalipse 19.1-9 apresenta as Bodas do Cordeiro.

As Bodas surgem ao final da descrição das Sete visões e da Queda da Babilônia⁴ (Ap 17.1-19.10), inaugurando o Reino de Deus na presença de muitos convidados. Este evento também introduz a descrição da vitória do messias sobre seus inimigos definitivamente e é seguido pelo estabelecimento do milênio, o juízo, a descida da Nova Jerusalém e o Estado Eterno.

A figura do casamento utilizada aqui possui raízes antigas, que remontam aos tempos antigos, quando os patriarcas ainda eram nômades e tribais, porém não é restrita aos povos semitas. Até os tempos de Jesus não houve grandes mudanças nos elementos básicos que envolviam o casamento, mas há muita diferença com a concepção moderna e por isso é importante considerarmos tais aspectos no entendimento do texto.

Faremos diferença entre o casamento do Cordeiro e sua noiva e outros rituais religiosos pagãos que encenavam um casamento. A igreja deveria se afastar dessas coisas; mas, mesmo assim, foi o pecado de muitos. Inclusive a abstenção de tais impurezas faz parte da preparação da noiva que é apresentada como purificada.

Elementos presentes no texto

O texto apresenta nove elementos de destaque que é deveras importante serem analisados para uma melhor compreensão do texto estudado.

A grande multidão e a grande meretriz

O texto começa descrevendo uma grande multidão no céu que exclama e declara com alegria: “Aleluia! A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus...”. Já encontramos duas multidões no céu. Tínhamos a multidão dos mártires (7.9) e a grande multidão das hostes angélicas (12.22). A grande multidão que se alegra aqui é provavelmente a multidão dos anjos.

⁴ BARCLAY, Op. Cit., p. 409.

O louvor dos mártires e dos santos virá nos versículos 6-8. Este é o cântico dos anjos, os primeiros a entoarem o *Te Deum* e louvor e gratidão a Deus⁵.

A multidão prossegue louvando a Deus pela vitória sobre a Babilônia e declarando que o sinal de sua derrota pode ser visto na fumaça de sua destruição. Aqui percebemos que a derrota da grande meretriz coincide com o estabelecimento completo do Reino de Deus, sendo condição para que isso aconteça⁶. Contrasta-se as núpcias celestes com o quadro da destruição da meretriz! É provável que João desejasse fazer tal comparação. Todo homem tem essa escolha a fazer, podendo ser condenado juntamente com a meretriz ou estar presente nas bodas do Cordeiro, como membro de sua Noiva. No período da tribulação, quando houver a pior das perseguições religiosas que já existiu, a cada qual será dada a opção, com informações suficientes, de escolher inteligentemente, se seguirá ou não o falso profeta. Essa temível escolha determinará a sua sorte, pois estará relacionada a Cristo ou a grande meretriz⁷.

A adoração dos quatro animais e dos vinte e quatro anciãos

Os vinte e quatro anciãos representam, de maneira conjunta, os doze patriarcas e os doze apóstolos. Simbolizam, portanto, a totalidade da Igreja⁸. Essa visão demonstra que os salvos de todas as épocas reconhecem que sua salvação é possível através do Cordeiro.

Adoração dos “seus servos”

O texto segue conclamando os “servos de Deus”, tanto “pequenos como grandes”, para louvá-lo. No Apocalipse há dois grupos de pessoas que recebem, de maneira privilegiada, o título de “servos de Deus”. Estes são os profetas (10.7, 11.8; 12.6) e os mártires (7.3; 19.2). Em primeiro lugar, este é o louvor dos profetas e dos mártires, que deram testemunho de Deus com suas palavras e com suas vidas. Em segundo lugar, estão os pequenos e os grandes. Esta expressão abrange os cristãos de todas as capacidades intelectuais e condições sociais, em todos os diversos momentos de seu progresso na vida da fé. Trata-se, então, de um chamado universal à adoração de Deus, inspirado em seus atos de poder na história, em sua intervenção definitiva para salvar a Igreja, o seu povo. É como se dissesse: “Chegou o vosso momento de triunfo! Tendes sofrido, mas agora é vossa a vingança! Louvado seja Deus!”⁹.

⁵ BARCLAY, Op. Cit., p. 404.

⁶ LADD, George. **Apocalipse: Introdução e Comentário**. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Editora Vida Nova, 1986, p. 181.

⁷ CHAPLIM, R. N., **O Novo Testamento Comentado Interpretado Versículo por Versículo**. São Paulo: Milenium, 1982, p. 620.

⁸ BARCLAY, Op. Cit., p. 407-409.

⁹ BEACON, **Comentário Bíblico: Hebreus a Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

A Grande Multidão

Dentre todas as vozes que João escuta bradarem em sua visão, surge uma que parece ser a mais majestosa até aqui, como “som de uma grande multidão, estrondo de muitas águas e fortes trovões”, que bradava: “Aleluia! Pois reina o Senhor, o nosso Deus, o Todopoderoso(...)”. Após relatar o julgamento de Babilônia, essa voz celebra o triunfo final do Reino de Deus e a consumação do plano divino de redenção. A consumação já foi anunciada em 11.15, quando as vozes celestiais anunciaram: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”. O que de fato acontece quando Cristo volta – acontecimento descrito em 19.11. e anunciado em vv. 6-11 — as bodas do Cordeiro — é uma narração antecipada de um evento que só ocorre quando Cristo voltar e se unir à sua igreja na terra. João tem o costume de anunciar acontecimentos relacionados com a redenção que ele de fato nem descreve¹⁰. Enfim, essa numerosa multidão é composta por aqueles que serviram a Deus em todas as épocas¹¹.

As Bodas do Cordeiro

Em 19.7 vimos o anúncio das Bodas do Cordeiro, mas não sua descrição. R. H. Charles diz, de maneira muito bela, que o simbolismo das bodas "denota o caráter íntimo e indissolúvel da comunhão de Cristo com a comunidade que Ele comprou com seu sangue", uma comunhão que "primeiro obteve em sua plenitude a hoste dos mártires". As núpcias do Cordeiro simbolizam o estabelecimento do Reino celeste que será descrito em Ap 21.9 (cf. Os 1.2 e Ef 5. 22-23)¹².

Aqui se faz uma conexão das Bodas do Cordeiro com a Ceia de Jesus e seus discípulos na noite em que foi traído. Jesus muda a instituição da Páscoa para uma nova aliança da qual derivam duas reflexões: i) a essência ou a substância da Ceia do Senhor, e a segunda, que realmente nos interessa; ii) A ceia é um “antegozo da festa porvir”. Esta “festa por vir” é a ceia das Bodas do Cordeiro. A ceia do Senhor é o maná escondido (Ap 2.17), o futuro banquete profetizado (Mt 26.26-28). A ceia é restrita aos convidados (3.21). E neste evento o surgimento da noiva, ou simplesmente, esposa. Pois uma noiva pode ser chamada de esposa no sentido que ela está comprometida, mesmo se o casamento ainda não aconteceu (veja Gn 29.21; Dt 22.24). A figura da esposa se aplica à igreja, vemos em Ef 5.25-32, onde Paulo exorta os homens a amarem sua esposa como Cristo amou a igreja.

A Noiva

¹⁰ LADD, Op. Cit., p. 181.

¹¹ POHL, Adolf. **Comentário Bíblico Esperança**. Editora Evangélica Esperança. 2001. p.224.

¹² **Bíblia de Estudo de Jerusalém**. Rio de Janeiro: Paulus, 2002. p.2208

Mas, afinal, quem é a noiva? A noiva é “o corpo de todos os crentes ao longo da história, a comunidade messiânica¹³. Os bem-aventurados convidados para as bodas e a noiva são as mesmas pessoas (v.9). Essa é uma sobreposição de imagens. A noiva é a igreja e os convidados para as bodas são todos aqueles que fazem parte da igreja. Os convidados e a noiva são uma e a mesma coisa. A igreja é o povo mais feliz do universo. A eternidade será uma festa que nunca acaba. As bodas falam da consumação gloriosa do relacionamento de Cristo com sua igreja (v. 7). O casamento de Cristo com sua igreja será um casamento perfeito, sem crise, sem divórcio¹⁴. A parábola das virgens loucas e das prudentes pinta o reino como uma espécie de festa de casamento. Em Mc 2.19,20 Jesus alude a si mesmo como o noivo, e seus discípulos seriam os convidados. Em Jo. 3.29 João Batista refere-se a Jesus como o noivo. Paulo fez uma aplicação mística e escatológica sobre esse símbolo, dizendo que ele apresentava os gentios convertidos como uma noiva de Cristo. Por ocasião da segunda Vinda de Cristo, essa noiva será pura e preparada para o noivo, e esse é o simbolismo que ele elabora ainda mais em Ef 5.22-27¹⁵.

Mesmo considerando que a maioria dos autores interpreta a noiva como sendo os salvos de todos os tempos, há também uma forma de interpretar, concluindo que o texto trata dos judeus que se converterão após a derrota da grande meretriz, Babilônia, conforme vemos a seguir: "Alguns pensam que isso se refere à conversão dos judeus, que eles supõem vão suceder a queda da Babilônia; outros à ressurreição geral. A primeira opinião parece preferível"¹⁶.

No decorrer do tempo a expressão bodas do Cordeiro tornou-se corriqueira em círculos cristãos, contudo não tinha precedentes quando João a escreveu e não era menos inaudita que “ira do Cordeiro” em Ap 6.16. O AT não conhece nem um casamento de Israel com Deus nem com um Cordeiro de Deus. Nessa ilustração, porém, evitava-se cautelosamente a união conjugal como ponto de comparação, a fim de não ser de forma alguma comparável às “núpcias sagradas” dos cultos de fertilidade gentílicos. Favorecidas por comilanças e alto consumo de vinho, essas cerimônias degeneravam para orgias descontroladas e imorais. Mais importante, porém, é a religiosidade que estava por trás, que dominava todos os cultos do Oriente Médio e, assim, o contexto de Israel, a saber, o endeusamento das forças naturais e sensuais. A terra era considerada a deusa-mãe. Ela se torna fértil quando o jovem deus do céu, denominado de Baal, semeia sobre ela suas chuvas. No culto, esse matrimônio de deuses é celebrado, encenado e imitado em forma de “casamentos sagrados” em honra a Baal. Os profetas do AT e João irreverentemente chamavam esses cultos aos deuses de imoralidade. Em Corinto, de acordo com Estrabo¹⁷ teria havido mil prostitutas sacrais permanentes. Esse costume também penetrou

¹³ LOPES, Hernandes Dias. **Estudos no livro de Apocalipse**. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 145.

¹⁴ CHAPLIM, Op. Cit., p. 621.

¹⁵ HENRY, Mathew. **Comentário Bíblico Novo Testamento: Atos a Apocalipse**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 1003.

¹⁶ POHL, Adolf. **Comentário Bíblico Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001. p. 182.

¹⁷ geógrafo e escritor grego, falecido no ano 20.

em Israel: 1Rs 14.23,24; 15.12; 22.47; Dt 23.18,19; Jr 2.20; 3.2,6; Os 4.12-14; conforme 2Rs 23.7, também uma vez no Templo de Jerusalém. Ez 23 constitui uma inflamada acusação contra o pecado de Israel¹⁸.

A Ornamentação da Noiva

A noiva não se apresenta diante do noivo sem ornamento, ela é vestida de “linho finíssimo, resplandecente e puro”. De três maneiras a ausência de cor em suas vestes é descrita. Por si só a veste não é saturada de cor como a púrpura ou o escarlata da prostituta Babilônia em Ap 17.4, mas um tecido branco de linho. Expressamente se diz que é puro, ou seja, sem cor e manchas. Além disso, tem uma claridade brilhante, ofuscante. Tem a característica da luz transfigurada, como também a vestimenta dos anjos em Ap 19.14. João explica, por meio de uma intercalação: Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos. Eles contrastam com os atos de injustiça da prostituta (Ap 18.5). Entretanto essa ornamentação foi possibilitada à noiva através de uma dádiva divina. Pois lhe foi dado vestir-se, de sorte que ela não se veste de méritos próprios, mas sim da clemência divina¹⁹.

A questão da responsabilidade pela ornamentação da noiva ser uma obra exclusiva do Espírito Santo está em conformidade com a ideia de que a “veste nupcial” (Mt 22.11-12) representa a justiça de Cristo. Mas o linho fino é a manifestação (vestes) dessa justiça entretecida que é desenvolvida diariamente no viver cristão. A expressão aqui (“os atos justos dos santos”) “é a soma dos atos santos dos membros de Cristo, produzidos neles pelo Espírito Santo, que compõem a vestimenta do seu Corpo místico”²⁰.

Os convidados

Superficialmente parece haver um pouco de confusão na mente do Vidente, porque sua atenção se desvia da noiva para os convidados. Será que são duas coisas diferentes? Fazer distinção entre a igreja (a noiva) e os convidados (os santos do Antigo Testamento e do milênio) é ignorar a fluidez da linguagem figurada; o conceito da igreja como noiva e da consumação final como casamento são figuras, metáforas. Assim como nas parábolas do nosso Senhor, a atenção às vezes está concentrada nos hóspedes enquanto esquece totalmente a noiva, assim a atenção pode se desviar da noiva para os convidados sem perder seu significado. Cristo é, ao mesmo tempo, o Cordeiro e o pastor das ovelhas (7.17), bem como um guerreiro conquistador (19.11). Da mesma maneira, a igreja é, ao mesmo tempo, a noiva e os convidados²¹.

¹⁸ POHL, Adolf. **Comentário Bíblico Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança p.225, 2001.

¹⁹ BEACON, **Comentário Bíblico**: Hebreus a Apocalipse. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

²⁰ LADD, Op. Cit., p. 185.

²¹ BARCLAY, Op. Cit., p. 410.

O Banquete

Por trás de tal concepção podemos encontrar uma velha ideia hebraica. Os judeus tinham entre suas tradições a ideia de um banquete messiânico. Criam que quando viesse o Messias, o povo de Deus, seria convidado, por assim dizê-lo, a um grande banquete messiânico. Isaías diz que Deus está preparando para seu povo uma festa com as melhores carnes e vinhos (Is 25.6). Jesus diz que muitos virão do Norte e do Sul para sentar-se à mesa com os patriarcas, no Reino de Deus (Mt 8.11). A palavra que se usa para dizer "sentar-se" é a que significa reclinar-se à mesa, segundo o costume dos antigos. A imagem é a de todos os homens preparando-se para participar do grande banquete messiânico de Deus. Quando Jesus se sentou com seus discípulos para participar da última Ceia, disse que não voltaria a beber vinho até que o tomasse no Reino de seu Pai (Mt 26.29). Jesus antecipava o banquete messiânico no Reino de Deus.

É bem possível que a ideia da festa de bodas do Cordeiro tenha sua origem na velha tradição judaica do banquete messiânico. A imagem é muito singela; não deve interpretar-se literalmente, no sentido de um banquete onde se comerão alimentos materiais e se tomarão bebidas. Diz-nos, simplesmente e de maneira muito bela, que no Reino todos os seres humanos desfrutarão da abundância das riquezas divinas²².

O contexto do casamento como ilustração da união entre Cristo e seu povo

De forma resumida, podemos dizer que o casamento hebraico consistia em 3 fases: 1) o noivado; 2) a apresentação; 3) a cerimônia. Sendo assim, a Igreja é a noiva de Cristo pela escolha soberana deste na eternidade (Ez 1.4, Hb 13.20) e ela será apresentada no arrebatamento (Jo 14.1-3, 1Ts 4.13-18). A ceia simbólica acontecerá durante o milênio (Ap 21.2). A ceia final será o fim da cerimônia²³.

De forma ampliada, podemos entender o costume matrimonial dos hebreus da seguinte maneira: i) Noivado: era algo mais profundo do que um compromisso significa para nós. A obrigação do matrimônio era aceita na presença de testemunhas e a bênção de Deus era pronunciada sobre a união. Desde esse dia o noivo e a noiva estavam legalmente casados (2 Co 11:2). ii) O intervalo: Durante o intervalo o esposo paga ao pai da noiva um dote. iii) A procissão para a casa da noiva:²⁴ Ao final do intervalo o noivo sai em procissão para a casa da noiva. A noiva se prepara e se atavia. O noivo em seu melhor traje é acompanhado de seus amigos que cantam e levam tochas e seguem em direção à casa da noiva. O noivo recebe a noiva e a leva em procissão ao seu próprio lar. iv) Finalmente, as bodas - As bodas incluem a festa das bodas que duravam sete ou quatorze dias. Agora a igreja está desposada com Cristo. Ele já pagou o dote por ela. Ele comprou a sua esposa com seu sangue. O intervalo é o período

²² **Bíblia. Estudo de MacArthur.** Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p. 2064

²³ LOPES, Hernandes Dias. **Estudos no livro de Apocalipse.** São Paulo: Hagnos, 2010, p. 207.

²⁴ LOPES, Op. Cit., p. 206-207.

que a noiva tem para se preparar. Ao final desse tempo, o noivo vem acompanhado dos anjos para receber a sua noiva, a igreja. Depois disso começa as bodas. O texto registra esse glorioso encontro: "Alegremo-nos e exultemos e demos-lhe glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou" (Ap 19.7). As bodas continuam não por uma semana, mas por toda a eternidade²⁵.

Os rabinos ensinavam que no monte Sinai Moisés, como condutor da noiva, teria encaminhado a noiva ao noivo. Compreendiam a lei como contrato matrimonial de Deus com Israel, e, após a ressurreição dos mortos, o Messias conduziria, como segundo Moisés, o povo de Israel para as verdadeiras bodas. Logo, Jesus sabia que seus ouvintes estavam preparados quando usava parábolas e metáforas para lhes falar do banquete messiânico das bodas.

Entretanto, em Jesus dois aspectos saltam à vista. O Messias não é o condutor da noiva, mas o noivo, sendo que a noiva passa para segundo plano. Várias vezes lemos nos evangelhos a respeito de núpcias sem a menção da noiva. Assim, como no AT, afasta-se novamente da comparação a relação conjugal. Tão-somente a alegria das bodas vale como ponto de comparação. Ela determina toda a comunhão e preenche todos os convidados. Sob esse aspecto tampouco a noiva é algo especial, mas apenas uma entre muitos, de maneira que não carece de uma menção especial.

Considerações finais

É notório que o clímax do texto se dá a partir do versículo 7, quando são anunciadas as Bodas do Cordeiro e que a Noiva já está pronta para esse grande banquete. Os demais elementos explicados em cada ponto deste trabalho acabam esperando ou apontando para este acontecimento. Aqui estão presentes as vozes que ao longo da história adoraram a Deus no céu e na terra (homens e anjos). É um momento de festa também pelo fato de não haver mais quem oprima os homens e nem quem os engane, pois a meretriz já foi destruída. Semelhantemente a um casal, que viveu as etapas de preparação de um casamento, e desenvolveu a paciência de esperar pelo dia de sua união definitiva, assim é com a igreja que aguarda e está sendo preparada para este dia que o texto projeta com tanta ênfase e brilho.

Concluimos que este assunto não se esgota nessa abordagem, pelo contrário, reconhecemos que gera as seguintes indagações: qual a relação que poderíamos fazer entre as Bodas do Cordeiro e as correntes escatológicas existentes? Ou quais mudanças que nossa abordagem sofreria se adotássemos um dos pressupostos, tais como: preterista, pré-tribulacionistas, pós-tribulacionista, amilenistas etc? Cremos que conseguimos fundamentar bem nossos argumentos e expor com clareza nosso ponto de vista e trazer luz a este texto.

²⁵ LOPES, Op. Cit., p. 207.

Referências bibliográficas

BARCLAY, W., **O Nuevo Testamento Comentado**. Tradução de Carlos Biagini. Buenos Aires: Editorial La Aurora, vol. 2, 1983.

BEACON, Comentário Bíblico. **Hebreus a Apocalipse**. Rio de Janeiro, CPAD, 2006.

Bíblia. **Estudo de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. Ed. Paulus, 2002. p. 2208

Bíblia. **Estudo de MacArthur**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. p. 2064

CHAPLIM, R. N., **O Novo Testamento Comentado Interpretado Versículo por Versículo**. São Paulo: Milenium, 1982.

HENRY, Mathew. **Comentário Bíblico Novo Testamento: Atos a Apocalipse**, Rio de Janeiro, 2015.

LADD, George. **Apocalipse: Introdução e Comentário**. São Paulo: Editora Vida Nova, 1986.

LOPES, Hernandes Dias. **Estudos no livro de Apocalipse**. São Paulo: Hagnos, 2010.

POHL, Adolf. **Comentário Bíblico Esperança**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001. p. 182

SWETE, Henry B. **The Apocalypse of St. John. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951 (reed.)**.